

Entre na foto!

Havia papéis, canetas e marcadores de textos por toda minha escrivaninha. O meu portfólio de fotos estava espalhado por toda a minha cama. Nunca consegui ser uma menina organizada, eu tento, para poder agradar minha mãe, mas com ela passando o dia todo no serviço e, eu na faculdade, isso acabou se tornando irrelevante. Suspiro forte e me debruço sobre aqueles deveres de casa. “Porque não consegue se concentrar, Alex?”.

Observo os títulos de alguns livros que tinha ali, o computador em sua tela de descanso e fotos de minha câmera instantânea espalhadas pela parede. A fotografia se tornou a minha paixão, o meu modo de me expressar. Não falo de selfies e filtros, para mim isso é superficial, mas hoje em dia, se trata apenas disso. Quando se fala de fotos é somente exposição, demonstração de interesses, curtidas. Para mim, são os detalhes, a composição da poesia que uma foto pode se tornar. O registro de um momento guardado para sempre no tempo. Mas não há muitas pessoas que realmente liguem para essa droga.

Meu olhar corre pelos diversos registros, e um me chama a atenção. Tomo ela em minhas mãos. Foi a última foto que tirei com meu pai. Estávamos na cozinha de casa, preparando um bolo, minha mãe capturou o momento com sua antiga Polaroid. Quatro anos atrás, um dia antes do acidente de carro, mas a dor permanece até hoje. Ele era meu guardião, meu porto seguro. Meus olhos lacrimejaram e minha visão se tornou um borrão misturado aos fios de cabelo castanhos. O sono e o cansaço me consumiram aos poucos.

Acordei me sentindo leve, mas conforme os sentidos foram voltando, a tensão se aumentou quando não reconhecia onde estava. Estava tudo escuro, com um tom avermelhado. Como se uma fraca luz iluminasse toda aquela imensa escuridão. Havia pontos de luz, mas estavam distantes de mim. Não havia céu, ou horizonte, pelo menos não como estamos acostumados. Parecia um quarto escuro. Como aqueles onde se revelavam as fotografias. O chão estava coberto por uma fina camada de água. Gotas pingaram no chão quando me coloquei de pé. Conforme fui me aproximando dos diversos pontos de luz espalhados, pude notar que eram grandes paredes, de aproximadamente 3 metros de altura e largura, que flutuavam a poucos centímetros do chão. Quando realmente parei para prestar atenção, uma imagem começou a se formar naquela planície, era a fotografia de uma criança, correndo por um campo de braços abertos. Estava em preto e branco, desgastada, como se tivesse passado vários anos em um álbum sem ao menos ter sido vista. A planície da foto parecia a tela de um aparelho eletrônico. Não ousei tocá-la. Assim que desviei meu olhar para a frente, me vi em um imenso corredor em toda aquela escuridão, e seus limites laterais eram as gigantes fotos. Não havia um fim e, entre os espaços de uma foto a outra, haviam mais corredores daquele mesmo jeito.

A curiosidade se misturou com o medo, mas a vontade de apreciar aquelas estranhas, porém, belas imagens se apoderou de mim. Não sei por quanto tempo fiquei naquele corredor. Eram fotos de todos os momentos possíveis. Casamentos, aniversários, ensaios, jornalísticas, viagens. Exalavam espontaneidade, solidão, melancolia e os mais diversos sentimentos. Obscuros ou não. Eu sentia calafrios pelo corpo com certos registros. Ângulos e expressões que não tinha visto antes. Paro perto de uma onde estava um senhor sentado em um banco com sua bengala e seu chapéu. Parecia uma tarde cinzenta, as folhas dos arbustos e árvores tinham movimentos conforme o vento mandava. Era uma bela foto.

De repente, senti uma vibração pela água que cobria o chão. Me virei para trás, por instinto, mas não via nada de diferente. Segui em frente. Novamente, a vibração, acompanhada de leves sons, que não sabia discernir bem o que eram. Mas antes de poder examinar e reagir, dois braços me rodearam, uma mão pressionava contra a minha boca e segurava meus braços. O pânico se estabeleceu em mim, mas eu não podia fazer muito para me defender.

- Entre na foto! - disse uma voz ofegante e grossa.

Eu não sabia o que estava acontecendo, muito menos o que deveria fazer. Era um daqueles momentos onde você perde completamente os sentidos por tamanha adrenalina. Meu corpo foi empurrado pela força do desconhecido contra a parede brilhosa. Fechei os olhos, pois, o choque com certeza traria uma forte dor. Mas isso não aconteceu. Adentramos para uma área diferente daquele corredor.

Estávamos dentro da fotografia. Dentro da praça onde ela provavelmente foi tirada. Mas não era um espaço aberto. Ela estava limitada, por um tipo de campo de força luminoso. Parei de prestar atenção nos detalhes quando fui puxada para trás de um dos arbustos. Quando olhei, o homem fazia sinal de silêncio com as mãos. Ele apontou para algo mais a frente. Era como estar dentro de um televisor. Eu podia ver o corredor onde eu estava andando. Mas havia uma tela protetora entre os dois espaços. Me assusto quando vejo algo grande passando por ali. Um vulto negro, alto, coberto por mantas deterioradas. Ele estava procurando por algo. Estava procurando por nós. Não pude ver seus rostos. Ela não nos viu e seguiu em frente. Depois de longos minutos, o homem se levantou, me oferecendo ajuda logo em seguida. Ele se ajeitou e saltou para “fora” da fotografia. Fiz o mesmo, voltando para o corredor.

- Quem é você? – Perguntei intrigada, tentando recuperar minha estabilidade e minha respiração voltar ao normal.

- Fico lisonjeado pela sua gratidão em ter salvo sua vida. – O estranho de topete alto e casaco longo respondeu irônico. Ele aparentava algumas rugas, mas nada tão perto da velhice. Sua pele mostrava que não via o Sol há muito tempo. Se é que nesse mundo havia sol.

- O que eram aquelas coisas? – Indago. – O que elas queriam?

- Eram os Sugadores de Memórias. Por pouco não somos pegos. – respondeu analisando o perímetro a nossa volta.- Como o nome diz eles roubam suas memórias como alimento, enquanto você vai se esquecendo aos poucos e no fim, indo para O Vazio. Lá você morre sozinho, sem ao menos saber seu próprio nome. Essas fotografias são as memórias que eles sugaram da vitalidade de outras pessoas. Com o tempo, descobri que podia usá-las como proteção, eles não podem entrar nelas. Mas não podemos interagir com quem pertence a ela, isso fará ela se degradar e nos denunciara, e eles virão atrás de nós. – Ele me encara de repente com seus olhos azuis cinzentos. – Perdão pelo mau modo. Qual é o seu nome?

- Alex.- respondo e ele lança um pequeno sorriso para mim. – E você?

- Oh, me desculpe, mas eu não me lembro. Estava fugindo um dia dos Sugadores e, por pouco que um deles me pega. – E foi assim que percebi uma longa cicatriz na lateral esquerda de seu pescoço. – Mas era de costume me chamarem de Jay.

- Existem outros aqui? – A dúvida tomou conta de mim.

- Havia outros, mas os Sugadores se tornam mais fortes a cada memória consumida. Estou a procura por mais. Hoje tive sucesso. – Ele me olhou sorridente. – Vem. Vamos continuar por este caminho.- E assim seguimos pelo, possivelmente, infinito corredor.

Jay foi me contando as coisas que sabia, as histórias das quais ouvira falar, das pessoas que o ajudaram quando ele foi parar neste outro mundo, pelos mistérios por trás de cada fotografia. Mas algo era fato, ninguém nunca soube explicar como foram parar naquele lugar. E também que, O Vazio era um lugar que jamais ninguém saiu de lá. Tão pouco se sabia dele.

Antes de estar sozinho, eles eram muitos. Uma colônia. Onde cada um se ajudava e lutavam contra o esquecimento. Mas, infelizmente, um dia os Sugadores de Memórias encontraram sua concentração, e tudo se tornou caos e solidão. Jay foi o único que conseguiu fugir a tempo. E assim, ele continuou na jornada sem rumo. Ele parou de falar e pude perceber que tais lembranças o incomodavam.

- E o que você sabe dessas diversas fotografias? – Curiosa perguntei, podendo assim mudar de assunto. Ele sorriu empolgado.

- Cada fotografia aqui respresenta a memória de alguém, como havia falado. Momentos marcantes ou lembranças antes de, você sabe, algo ruim acontecer. Mas nem todas são somente vindas do Sugadores, algumas vem quando as pessoas “partem para outra vida”, e assim, suas memórias viajam para cá, sendo guardadas por eles. Como guardiões. Mas a ambição e desejo deles acabaram se tornando grande, provocando tragédias como as que te falei.

Ele me contou diversas histórias que aquelas fotos guardavam. Algumas de pessoas que ele conheceu e outras da qual ele discerniu para poder si entreter. Mas uma delas fez-o parar a caminhada.

- Esta aqui era a do nosso líder. Ele estava aqui antes de todos que conheci. Ele sempre pensava no próximo antes dele mesmo. Ele me ajudou a escapar no dia da tragédia, mas quando olhei para trás, era tarde demais, haviam chegado até ele. Quase sempre estava aqui, observando a foto. Cheio de perguntas, mas sem respostas.– Estava tão vidrada na história e nos detalhes que somente depois fui admirar a foto. Meu corpo se paralisou e minha respiração foi presa. – Seu nome era...

- William. – completei ao olhar estaticamente para a imagem de meu pai preparando aquele bolo juntamente comigo.

- Como você sabe? – Jay me olhou perplexo, mas não me deu muita atenção quando percebeu algo no corredor afastado de nós. – Rápido, entre na foto.

Jay me puxa quando vê que não estava me movendo. Adentramos para a cozinha de casa, e meus olhos não se desviam do olhar sorridente de meu pai para a câmera. Jay sussurra para eu não me mexer. Posso notar dois Sugadores de Memórias percorrerem todo o espaço onde estávamos agora a pouco. Eles pareciam furiosos por não nos encontrar. Demora dessa vez, mas depois de um tempo, eles saem para outros corredores. Depois, Jay salta para fora. Eu me levanto, mas para me aproximar de meu pai. Era tudo tão real. Eu podia sentir sua conexão ali. A sua expressão, os seus detalhes, o seu olhar. As lágrimas começaram a rolar e eu não tive vontade de impedí-las.

- O que você está fazendo, Alex? – perguntou Jay preocupado. – Vamos, é melhor sair, já estamos seguros.

- Eu sinto tanto a sua falta, pai. – minha voz estava trêmula. – As coisas não são mais as mesmas sem você. Eu e mamãe estamos tentando ser fortes, mas está tão difícil continuar. Eu nunca te perdoei por ter te deixado entrar naquele carro, mas o senhor não tem culpa daquele caminhoneiro ter bebido naquela noite. Eu só queria ter tido mais uma chance de poder te dizer o quanto te amava. O quanto eu ainda te amo, pai.

Jay estava gritando para eu me afastar, mas estava tudo tão abafado que não pude compreender. A minha vontade de senti-lo por mais uma vez era demasiada, que não pude controlá-la. Sua bochecha era fria, como uma estátua, mas eu podia sentir a suavidade de seu sorriso. Tudo a minha volta se tornou preto e branco e parecia papel nas cinzas de uma fogueira. A sua imagem começou a degradar e pude sentir Jay me puxando para o chão molhado daquela escuridão. Ele gritava, implorando para mim correr, mas somente o que fiz foi abraçar as minhas pernas e deixar o choro por tanto tempo guardado fluir. Eu podia ouvir os sons dos Sugadores vindo até nós. Eu havia nos denunciados. Jay precisava correr, eu já não me importava com mais nada. Porém ele não saiu do meu lado. Quando já estava esperando o inevitável, eu pude sentir um toque caloroso, que se espalhou a minha volta.

- Eu te amo, Alex. E não importa o que acontecer, eu sempre vou estar com você. Sempre. – Aquela voz era impossível de não reconhecer. Era ele. Ele estava ali. Mas antes de fazer qualquer coisa, um grande clarão amarelado se expandiu por toda aquela imensidão e isso me cegou por longos minutos.

Quando a minha visão se tornou nítida novamente, eu me vi em meu quarto. Tudo estava em seu lugar. A bagunça permanecia ali. Como se tivesse acordado de um sonho. Olhei para o chão, e lá estava a minha foto junto de meu pai. Sorri. Virei ela para poder colá-la na parede, mas havia algo escrito no verso.

“Cuidado! Os Sugadores estão por todas as partes.”